



# Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

---

GT2: Culturas Urbanas: Práticas Espaciais e Insurreição do Uso na Cidade

## **(RE)TERRITORIALIZAÇÕES E TERRITORIALIDADES JUVENIS NA METRÓPOLE: DAS PRÁTICAS ESPACIAIS ÀS REDES DE SOCIABILIDADE**

Flavia Maria de Assis Paula<sup>1</sup>

### RESUMO

O artigo em questão estrutura-se de modo a demonstrar a diversidade do processo de (re)territorialização dos jovens migrantes em Goiânia, buscando refletir sobre a relação desse processo com as práticas espaciais cotidianas e as redes de sociabilidade desses jovens na metrópole. Neste contexto a mobilidade, as territorialidades e as espacialidades empreendidas por eles no espaço intraurbano da metrópole não só permitiram compreender suas territorializações, como também possibilitaram o desvendamento de sua condição juvenil nesse mesmo espaço. Avaliam-se as influências desses fatores para a reelaboração da identidade e da condição juvenil dos jovens migrantes, mediante o estabelecimento de uma discussão sobre o processo de reterritorialização e a segregação e fragmentação urbanas vivenciadas por tais jovens.

**Palavras – Chave:** Jovens Migrantes – Reterritorialização – Práticas Espaciais

---

<sup>1</sup> Doutora em Geografia- Profa. do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás. E-mail: flaviampaula@gmail.com



## Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

---

### **(RE)TERRITORIALIZAÇÕES E TERRITORIALIDADES JUVENIS NA METRÓPOLE: DAS PRÁTICAS ESPACIAIS ÀS REDES DE SOCIABILIDADE**

#### **1 OS JOVENS MIGRANTES E SUAS SITUAÇÕES DE (RE)TERRITORIALIZAÇÃO**

Os jovens, por serem sujeitos sociais, são também portadores de uma diversidade no que tange aos aspectos econômicos, culturais, religiosos, históricos, geográficos etc. (PAIS, 2003; CARRANO, 2011). Essa multiplicidade existente nas juventudes, longe de ser um entrave para as pesquisas geográficas, constitui-se em um elemento instigador para desvendar os processos espaciais presentes nas dinâmicas juvenis na atualidade.

A condição juvenil, para ser vivenciada, prescinde, dentre outros aspectos (sociais, históricos, culturais etc.), de uma espacialidade. Essa espacialidade é manifestada por meio das práticas sócio-espaciais cotidianas, que, por sua vez, dão condições aos sujeitos (os jovens) produtores da cidade de exercerem territorialidades graças ao estabelecimento de redes de sociabilidade, as quais interferem no processo de reterritorialização deles em Goiânia, bem como em sua identificação com a cidade, com seus pares e consigo mesmo (PAIS, 2003; DAYRELL, 2007; TURRA NETO, 2008).

Acredita-se que a condição de migrantes dos jovens lhes dá maiores condições de se adaptarem ao novo local de moradia, principalmente para aqueles jovens que vieram de cidades médias ou pequenas. A migração como desejo e como necessidade propicia ao jovem migrante, na maioria das vezes, uma capacidade de incorporar o novo, o desconhecido. Assim, no anseio de desvendar a cidade, esses jovens ampliam suas práticas espaciais, suas territorialidades e constroem redes de sociabilidade que os ajudam no processo de (re)territorialização.

Desse modo, pode-se afirmar que os jovens migrantes, por meio de sua mobilidade e pela ampliação do conhecimento dos espaços da cidade de Goiânia, para além de seu espaço primário (que é a casa), tais como a escola, o local de trabalho, a igreja, os parques, praças e *shoppings*, dentre outros, desenvolvem práticas espaciais que lhes permitem



## Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

estabelecer territorialidades nos espaços/tempos institucionais e intersticiais da metrópole goiana. Dayrell (2007) destaca que esses espaços/tempos intersticiais são destinados à ação criativa, nos quais predominam a sociabilidade e o prazer, em contraposição aos espaços/tempos institucionais, que são regidos pela obrigação e pela normatização. Esse aspecto se tornou perceptível na declaração dos próprios jovens migrantes acerca de suas relações com Goiânia, que se dá por meio de suas práticas espaciais, de suas redes sociabilidade, dos lugares (institucionais e intersticiais) que frequentam, além de outros.

Por meio das análises empreendidas em relação aos jovens migrantes pesquisados, percebeu-se ainda que essa diversidade é experimentada também por eles no que tange não só à vivência de sua condição juvenil, mas também em relação aos aspectos que lhes permitem usufruir do espaço urbano de Goiânia, tais como sua mobilidade cotidiana, seus locais de moradia, os meios de transporte utilizados, seus locais de lazer, a localização da escola e do trabalho etc. Todos esses aspectos exercem um peso sobre a espacialidade desses jovens. Assim, apesar de existirem indicadores de que eles possuem um poder aquisitivo semelhante, não se podem homogeneizar suas territorialidades, seus processos de reterritorialização e sua postura diante da metrópole.

Discorrendo acerca da interação entre território e territorialização, Haesbaert (2008) destaca que o primeiro produz uma identificação, além de ser uma imbricação de múltiplas relações (sociais) de poder que resultam em apropriação e dominação do/no espaço (ou de fragmentos deste), ou seja, em um processo de territorialização que é empreendido pelos múltiplos agentes/sujeitos que nele agem. Sobre esse aspecto o autor acrescenta ainda que, por meio dele é possível,

[...] criar mediações espaciais que nos proporcionem efetivo “poder” sobre nossa reprodução enquanto grupos sociais [...], poder este que é sempre multiescalar e multidimensional, material e imaterial, de “dominação” e “apropriação” ao mesmo tempo. (HAESBAERT, 2008, p. 97, grifo do autor).

Assim, a reterritorialização se constitui em um processo de identificação com o novo território vivido e compartilhado; é o estabelecimento de ligações afetivas, sociais e espaciais com a cidade e com outros sujeitos que nela habitam. É também uma integração com o novo lugar de residência. Todavia, como processo sócio-espacial que é, há fatores que sobre ele incidirão, tais como as particularidades/singularidades da constituição/formação



## Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

---

histórica e sócio-espacial desses jovens, por exemplo. Do mesmo modo, essa diversidade presente tanto nas juventudes quanto em suas trajetórias sócio-espaciais e históricas foi encontrada também na reterritorialização dos jovens migrantes estudados.

Como sujeito social, o migrante jovem não será passivo diante da reterritorialização. Mas sua trajetória de vida, a classe social a que pertence, a identificação com o espaço urbano anterior, sua intencionalidade e receptividade em relação ao novo espaço, por exemplo, irão afetar a velocidade e a intensidade desse processo. Ora acelerando-o, ora retardando-o. Então, a reterritorialização, por ser um processo dinâmico e complexo, dar-se-á de forma distinta entre os vários sujeitos por ela atingidos.

Portanto, nesse contexto, é preciso ressaltar que o processo de reterritorialização dos jovens migrantes entrevistados não ocorre homogeneamente e nem se constitui em um processo linear, gradativo. O que se pode apreender entre os jovens migrantes, por meio das evidências da pesquisa, foi a existência/identificação de três situações:

1. Reterritorialização efetiva – nessa situação o jovem migrante se encontra mais integrado com a metrópole, tendo nela se reterritorializado. Ele já estabeleceu elos afetivos, cognitivos e de identificação com a metrópole. Suas redes de sociabilidade e suas práticas espaciais na cidade são mais amplas e complexas. As territorialidades exercidas por ele na cidade se processam de forma espontânea e contundente, sendo portador de uma multiterritorialidade e capaz de pertencer a distintos territórios e grupos de sociabilidade. Em relação a essa situação, é preciso fazer uma ressalva, pois quando se fala em reterritorialização efetiva não se quer dizer que o jovem está se apropriando por completo da cidade, pois o processo de segregação/fragmentação na metrópole não lhe dá condições para isso, sobretudo por sua condição limitada do ponto de vista dos processos dominantes da produção urbana e social. Mas o que se quer destacar aqui é a inserção mais efetiva que alguns jovens parecem realizar, ou seja, a superação da sua condição de estranhamento como estrangeiro, como migrante. Cinco jovens apresentam elementos indicadores de uma completa reterritorialização.



## Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

2. Reterritorialização parcial – nesse plano a reterritorialização do jovem migrante está em andamento, ou seja, ela ainda não se efetivou totalmente. Embora o jovem não esteja completamente integrado aos espaços e tempos da metrópole, pode-se inferir que isso se dá basicamente por sua condição social e econômica, pois ele está disposto a conhecê-la e a entendê-la. Já estabeleceu práticas espaciais cotidianas e sua rede de sociabilidade começa a se ampliar para além dos espaços primários de socialização (a casa, o local de trabalho, a escola), estendendo-se também para os espaços e tempos de lazer da cidade. Suas territorialidades estão se estabelecendo e se tornando mais complexas. Essa situação parece ser vivenciada por três dos jovens migrantes entrevistados.
3. Reterritorialização precária<sup>2</sup> ou restrita – nesse estado, a reterritorialização do jovem migrante é incipiente ou mínima, pois ele ainda não se mostrou disposto a integrar-se com a dinâmica sócio-espacial da metrópole (mesmo dos “pedaços” que estão ao seu alcance). Há mesmo um sentimento de apatia e estagnação perante o novo espaço urbano. Embora ele desempenhe práticas espaciais, elas se constituem em meros deslocamentos entre espaços primários (como, por exemplo, entre a casa e o local de trabalho; entre esta e a escola ou universidade etc.), e sua rede de sociabilidade é restrita a esses espaços. Suas territorialidades são simples e não intencionais.

É preciso enfatizar mais uma vez que tais situações são interpretações com base nas entrevistas concedidas pelos jovens migrantes pesquisados. Sabe-se que é difícil também, pelos aspectos subjetivos envolvidos nessa caracterização, definir de fato um período temporal mínimo ou máximo para a permanência ou mudança de situação; ou mesmo se haverá tal mudança. Na verdade, o que se pode constatar é que os próprios jovens, por meio de constituições subjetivas (imateriais) e objetivas (materiais), são mais ou menos permeáveis ao novo território no qual se instalam. Harvey (2011, p. 138, grifo do autor), discorrendo sobre o modo como o indivíduo (o corpo) se relaciona com o mundo que o cerca, destaca: “Na qualidade de ‘máquina desejanter’ capaz de criar ordem não apenas em seu próprio interior mas também em seu entorno, o corpo humano é ativo e transformador em relação aos

---

<sup>2</sup> Cabe esclarecer que o termo “reterritorialização precária” adveio de Haesbaert (2004, p. 370); que destaca que elas “[...] podem ser o embrião de reterritorializações comprometidas com a reconstrução reflexiva que acredita e luta constantemente por uma sociedade mais justa e igualitária.”



## Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

processos que o produzem, sustentam e dissolvem”. Outrossim, a reterritorialização é um processo dinâmico, não linear, não previsível, mas se dá de modo diferente, de forma diversa entre os sujeitos (não apenas entre os jovens migrantes, mas entre todos que realizam uma mobilidade entre espaços e lugares). A tipificação proposta foi uma tentativa de compreender melhor a diversidade e a dinamicidade desse processo.

Neste contexto urbano, é preciso ressaltar que as práticas sócio-espaciais dos diferentes sujeitos, ao mesmo tempo em que possibilitam a (re)produção do espaço urbano, influenciam o processo de construção das identidades coletivas e individuais desses próprios sujeitos ao mediar o contato deles com a cidade, permitindo-lhes conhecer e se relacionar com outros indivíduos e com outros lugares da cidade. As relações que eles estabelecem por sua vez delineiam múltiplos territórios. Multiplicidade territorial que se dá pelo fato de que os homens circunscrevem territorializações de bases materiais e imateriais variadas, as quais estão pautadas por relações sócio-espaciais.

Foi constatado ainda que, mesmo considerando a diversidade do processo, como anteriormente destacado, esses jovens migrantes vivem e se apropriam da cidade de Goiânia parcialmente. Isso ficou evidente na fala de alguns jovens ao relatarem que não pensam e não têm interesse em conhecer outros espaços da cidade além dos que eles costumam frequentar. Essa assertiva pode indicar a falta de conhecimento em relação aos demais espaços de Goiânia, o que lhes dá uma visão parcial da cidade, ou ainda sua falta de consciência em relação à sua condição sócio-espacial desprivilegiada. Dessa forma, a segregação e a fragmentação as quais eles estão submetidos não lhes permitem exercer seus direitos de usufruir da cidade de forma plena.

Tanto Beltrão Spósito (2011) quanto Mendes (2011) são enfáticos ao afirmar que essa fragmentação espacial e social é resultado direto da condição urbana pós-moderna que afeta a cidade. Para os referidos autores, a cidade, nesse contexto, é uma realidade flexível que se adapta e se modifica mediante as exigências e necessidades do capital e do mercado. Assim, ela não pode mais ser compreendida como uma unidade espacial, mas como um conjunto de fragmentos, sendo portadora de uma descontinuidade territorial e urbanística, na qual as relações sociais e as estratégias de apropriação do espaço pelas diferentes classes sociais e pelos diferentes sujeitos tornam-se mais complexas e parcelares.

Cabe à Geografia, por meio de sua leitura dos espaços e lugares da cidade,



# Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

---

desvendar tais relações sócio-espaciais empreendidas pelos homens em sua cotidianidade, por meio das quais eles produzem espaços e territórios, espacialidades distintas e constroem uma identidade territorial com a cidade e o espaço urbano no qual vivem. A cidade e o espaço urbano, por sua vez, interagem com tais sujeitos, modificando-os, reconstruindo-os, dotando-lhes de novas experiências e percepções sociais, econômicas, culturais, espaciais, temporais etc. O próximo subitem procura exatamente estabelecer uma reflexão sobre a importância e o papel das práticas espaciais cotidianas e das redes de sociabilidade juvenis no contexto da reterritorialização.

## 2 O PAPEL DAS PRÁTICAS SÓCIO-ESPACIAIS URBANAS E DAS REDES DE SOCIABILIDADE JUVENIS NO PROCESSO DE (RE)TERRITORIALIZAÇÃO

O espaço urbano e a cidade são produzidos socialmente, ou seja, são resultantes das interações dos homens entre si e, ao mesmo tempo, destes com o espaço urbano e a cidade nos quais residem. É por meio dessas múltiplas interações que os sujeitos (tais quais os jovens migrantes) que habitam a cidade ou a metrópole, que a vivenciam, ou que nela veem a possibilidade de um futuro melhor, se tornam atores do espaço urbano.

Mesmo que tais sujeitos ou atores sejam portadores de diferenças de classe social (ricos e pobres), de gênero (homens e mulheres), de idade (jovens e idosos), de formação educacional (letrados e iletrados); de origem (naturais ou migrantes); ou incluídos ou excluídos do sistema (econômico, técnico, político) etc., todos são capazes, com maior ou menor capacidade/intensidade, de influenciar e interferir na produção social do espaço, sendo portadores/produtores de uma espacialidade (BELTRÃO SPÓSITO, 2011).

Essa espacialidade é construída e revelada cotidianamente através das práticas sócio-espaciais, as quais podem ser entendidas como as ações cotidianas por meio das quais os sujeitos vivenciam a cidade e dela se apropriam. É também por meio dessas práticas espaciais que os sujeitos sociais produzem e constroem a cidade, bem como lhe dão significados que são conformados a partir da mobilidade cotidiana inscrita nos diferentes lugares da cidade ou da metrópole e em tempos também distintos. A mobilidade é aqui entendida não apenas como um mero deslocamento, mas em uma perspectiva que ultrapassa essa noção e a considera como uma relação social que permite ao sujeito produzir o espaço urbano no qual ele se insere, por meio de suas territorialidades e práticas espaciais cotidianas (LEVY, 2009; JARDIM, 2011).



## Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

---

Sobre essa questão, Carlos (2011) acrescenta, pertinentemente, que, na relação cotidiana com e no espaço, o próprio sujeito ou indivíduo é transformado, afirmando-se como ser individual e coletivo, produzindo sua própria identidade. A referida autora acrescenta ainda que “[...] a relação espaço-tempo se explicita, na condição de prática sócio-espacial, no plano da vida cotidiana, realizando-se enquanto modo de apropriação (o que envolve espaços e tempos determinados)” (CARLOS, 2011, p.11).

Assim, reafirma-se a importância do espaço e do tempo para a compreensão dos fenômenos, fatos e processos que se dão no cotidiano, os quais contribuem para a formação de distintos lugares, paisagens e territórios urbanos, cujas análises revelam, além da forma urbana, também seu conteúdo. A cidade e o espaço urbano são pares que se completam por meio de aspectos materiais e imateriais: as paisagens; as instituições; as construções; os agentes produtores (internos e externos); os modos de vida, os processos e aspectos econômicos, sociais, físicos, culturais e políticos; as subjetividades individuais e coletivas; os tempos distintos; os fluxos de pessoas, bens e capitais etc.

Dentre os sujeitos que produzem (vivenciam/ usufruem/apropriam-se) a cidade, os jovens se apresentam como um grupo bastante ativo no espaço urbano, pois eles inscrevem espacialidades diversas por meio de ações cotidianas e de relações com seus pares. É a partir de tais ações e redes de sociabilidade estabelecidas que os jovens constroem territórios e se apropriam dos diferentes espaços urbanos de uma cidade, ainda que tais territórios sejam construídos com base em confrontos com outros jovens, ou com grupos diferentes daquele do qual eles fazem parte.

Acerca da importância da sociabilidade para os jovens como parte expressiva de sua condição juvenil e de sua identidade, Dayrell, Nogueira e Miranda (2011, p. 30) destacam que “[...] a sociabilidade para os jovens parece responder às suas necessidades de comunicação, de solidariedade, de democracia, de autonomia, de trocas afetivas e, principalmente, de identidade”.

Dessa forma, a sociabilidade torna-se bastante relevante, pois a vivência em grupo, entre seus iguais, lhes propicia também uma identidade juvenil e espacial. Para os jovens, viver sua juventude é antes de tudo estar entre seus pares; é “fazer coisas” de jovens (conversar, namorar, dançar, se divertir, passear, circular, curtir etc.); é estar com quem se gosta (pais, parentes, amigos, colegas etc.) no lugar do qual se gosta (a cidade, o bairro, a



## Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

---

casa, a escola, a igreja, o trabalho, a praça, o parque, o *shopping* etc.).

Os jovens migrantes moradores de Goiânia se constituem também em produtores do espaço urbano. Suas práticas espaciais, sua espacialidade e redes de sociabilidade realizadas nos diferentes espaços de Goiânia lhes conferem territorialidades, ou seja, estratégias territoriais as quais lhes permitem se reterritorializar no espaço urbano goianiense. Um espaço urbano, a princípio, que lhes traz estranhamento, mas que se dá a conhecer, a entender e que possibilita sua apropriação (mesmo que parcial ou simbólica somente, ou nos espaços intersticiais) a partir do momento em que tais jovens migrantes estabelecem práticas espaciais e constituem novas redes de sociabilidade em espaços/tempos diversos.

Assim, é por meio dessa mobilidade cotidiana, de sua inserção nesses espaços/tempos da escola, do trabalho, do bairro, da praça, dos parques, dos *shoppings* goianienses etc.; de seu convívio com os parentes, professores, amigos, colegas de trabalhos; de suas perambulações, idas e vindas pela cidade em circuitos que são de seu grupo principal de relacionamentos ou de outros grupos secundários; através de expressões culturais tais como a dança, expressões verbais e gestuais, as vestimentas que os jovens migrantes, como qualquer outro jovem, reelaboram e vivenciam sua nova condição juvenil. Dayrell (2007), discutindo a importância da mobilidade cotidiana e da sociabilidade no processo de constituição da condição juvenil, destaca:

[...] Para muitos desses jovens, a vida constitui-se no movimento, em um trânsito constante entre os espaços e tempos institucionais, da obrigação, da norma e da prescrição, e aqueles intersticiais, nos quais predominam a sociabilidade, os ritos e símbolos próprios, o prazer. É nesse percurso, marcado pela transitoriedade, que vão se delineando as trajetórias para a vida adulta. É nesse movimento que se fazem, construindo modos próprios de ser jovem. (DAYRELL, 2007, p. 1113).

Pode-se perceber que as principais práticas espaciais desenvolvidas pelos jovens migrantes estão relacionadas ao estudo, ao trabalho e ao lazer. Por consequência, os locais que mais contribuíram para o processo de reterritorialização deles em Goiânia foram: a escola, a igreja, o trabalho e os locais de lazer com os amigos, principalmente os *shoppings* e parques. Além disso, esses espaços possibilitaram ainda o estabelecimento e ampliação dos grupos de sociabilidade na metrópole para além do contexto familiar.

São as práticas espaciais realizadas por eles cotidianamente em Goiânia que irão contribuir para o estabelecimento de novos processos de territorialização. Dessa maneira, ao



## Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

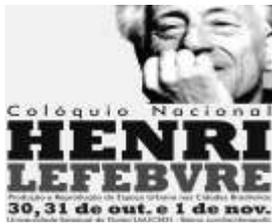
30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

trabalhar, estudar, realizar atividades de lazer etc., esses jovens circulam, conhecem, familiarizam-se com os espaços da metrópole. São nesses espaços que os jovens migrantes estabelecem também novas redes de sociabilidade, pois é a partir da vivência, entre seus pares, que se identificam como jovens, empreendem territorialidades e constroem/estabelecem novos territórios.

Nesse contexto, os espaços públicos ganham uma conotação importante, pois são lugares do encontro com o outro, das diferenças, mas ao mesmo tempo são lugares nos quais se garante a igualdade de direitos (GOMES, 2002). Eles são construídos a partir da necessidade de relações de sociabilidade e, como tais, são produzidos socialmente. Diante esses aspectos, eles são vistos como um espaço material e imaterial.

Gomes (2012) ressalta a importância de se entender o espaço público como o lócus, como o espaço físico da cidadania e de sua efetivação, sendo a copresença dos indivíduos, a publicidade, o debate; a acessibilidade e a isonomia características essenciais à sua definição. Assim, o espaço público deve ser acessível a todos, ao mesmo tempo em que deve garantir uma convivência civilizada entre as diferentes classes sociais. Contudo, Serpa (2011) salienta que os espaços públicos na atualidade foram privatizados ao serem incorporados pelo capital e transformaram-se em mercadoria para o consumo e o benefício de poucos. Assim, muitos dos espaços públicos atuais, ao serem apropriados e dominados por determinados grupos, tornam-se propriedade de poucos, propiciando não a convivência entre os diferentes, mas a segregação e o apartamento entre eles.

Para Gomes (2002), é preciso resgatar essa especificidade dos espaços públicos da construção de identidades e sociabilidades, sua capacidade de ser um local de participação ativa, de ser um espaço político. Esse resgate certamente contribuiria para a própria ampliação da noção de cidadania por parte dos sujeitos que deles usufruem, uma vez que suas práticas sociais são orientadas por esses espaços, ao mesmo tempo em que eles são transformados por elas. Esse resgate pode ser feito no movimento social, na articulação da sociedade civil e democraticamente organizada, resultando em demandas que entram em condições de legitimidade no jogo de forças políticas das instâncias do Estado – portanto uma conquista social e não uma concessão do poder público, do Estado. Em obra mais recente o mesmo autor exprime sua noção de espaço público como lugar de debates, reivindicações políticas e transformação social. Em suas palavras:



## Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

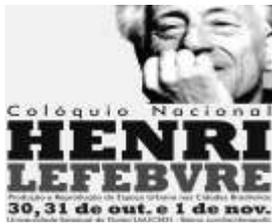
---

Os espaços públicos são, nesse sentido, lugares onde os problemas são assinalados e significados, um terreno onde se exprimem tensões, o conflito se transforma em debate e a problematização da vida social é posta em cena. Ele constitui, por isso, uma arena de debates, mas também um terreno de reconhecimento e de inscrições dos conflitos sociais. Por essa razão, esses espaços são marcadores fundamentais da transformação social. (GOMES, 2012, p. 24).

Assim, o novo contexto espacial urbano, no caso a metrópole goianiense, interfere diretamente na condição juvenil dos jovens migrantes vindos de outros núcleos urbanos, principalmente os de menor porte que Goiânia. A vivência cotidiana desses jovens nos espaços públicos da metrópole contribui para seu processo de reterritorialização na nova cidade, ao mesmo tempo em que propicia uma ampliação da sua percepção em relação à realidade que os cerca e à sua condição juvenil atual e de outrora. Ao circularem, ao realizarem suas práticas espaciais pelos parques, pelas praças, pelas ruas e avenidas, ou por outros espaços públicos da cidade, ao produzirem novas espacialidades, nos interstícios dos lugares, os jovens migrantes se apropriam, identificam-se e usufruem melhor dela. Nesse contexto, como já foi dito, a mobilidade desses jovens migrantes é um fator essencial em seu processo de reterritorialização.

Haesbaert (2008) e Santos (1999) destacam a importância da mobilidade na construção de territórios ou no processo de territorialização dos indivíduos na atualidade. Para Haesbaert (2008, p. 23), essa importância da mobilidade é evidenciada na construção e controle dos territórios redes, ou seja, “na construção e controle de conexões e redes (fluxos, principalmente fluxos de pessoas, mercadorias e informações)”. Em obra anterior (HAESBAERT, 2004, p. 82), o referido autor também denota a relevância de se compreender o território com base em uma perspectiva relacional, como “[...] movimento, fluidez, interconexão – em síntese e num sentido mais amplo, temporalidade”. Santos, por sua vez, traz argumentos que podem ser acrescentados no sentido de defender-se esse potencial criador na mobilidade. Conforme expõe:

Hoje, a mobilidade se tornou praticamente uma regra. O movimento se sobrepõe ao repouso. A circulação é mais criadora que a produção. Os homens mudam de lugar como turistas ou como migrantes. [...] desterritorialização é, frequentemente, uma outra palavra para significar estranhamento, que é, também, desculturização. (SANTOS, 1999, p. 262).



## Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

---

Dessa forma, percebeu-se que os jovens migrantes com mobilidade restringida ou limitada, que não conseguem estabelecer novas redes de sociabilidade e ampliar suas práticas espaciais, possuem e produzem também uma espacialidade reduzida, o que dificulta sobremaneira sua territorialização em Goiânia. A identificação desse jovem migrante com a cidade também é prejudicada, o que fica nítido nas falas de três jovens migrantes entrevistados.

O conjunto de respostas dadas a outra indagação, que se preocupou em detectar se o jovem gostaria de conhecer ou de frequentar algum lugar específico de Goiânia, também reforça essa relação entre a territorialização e a visão parcial ou fragmentada da cidade. A maioria dos jovens respondeu que não havia nenhum lugar que quisesse conhecer, não porque já conhecesse, mas porque ainda não tinha parado para pensar no assunto. Na verdade, o que se pode inferir a partir de tais respostas foram a falta de conhecimento jovens em relação à própria cidade de Goiânia e a constatação de uma vivência parcial desses jovens em relação a ela. Contudo, os jovens migrantes que têm uma sobrecarga de responsabilidades em relação ao mundo adulto, tais como o trabalho e a família, por exemplo, se consideram cerceados em relação às práticas juvenis nos espaços e tempos de lazer tipicamente juvenis; e gostariam de ter mais tempo livre para curtir sua juventude. Contudo, apesar dessas limitações apontadas por eles mesmos, tais jovens se reconhecem e se afirmam como jovens.

Assim, tem-se que os vários espaços institucionais e não institucionais da cidade apropriados pelos jovens migrantes são centrais para a construção de sua identidade, para exercerem sua condição juvenil por meio de suas práticas espaciais. São eles: a escola; o trabalho; a igreja; os *shoppings*, os parques; as praças etc. Acredita-se que as práticas sócio-espaciais cotidianas dos jovens migrantes, tais como sua circulação pelo bairro de residência ou pela cidade, seus deslocamentos para o trabalho ou para a escola, suas práticas de lazer em tempos e espaços para o lazer (os *shoppings centers*, as praças e parques etc.) – mas também em tempos e espaços institucionais (a igreja, a escola, o trabalho, etc.) – permitem-lhes construir espacialidades e territorialidades estreitamente vinculadas às suas redes de sociabilidade.

É por meio dessa sociabilidade, do encontro, do “estar junto” de seus pares, que os jovens migrantes vão construindo suas identidades e culturas juvenis, seus territórios (ainda que transitórios) e contribuindo com a produção do próprio espaço urbano no qual se



## Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

inserir. Ainda que a maior parte deles esteja sujeita à segregação e à fragmentação por habitarem espaços periféricos da cidade, esses jovens vivenciam sua juventude, empreendem territorializações pelos espaços nos quais circulam e realizam suas práticas espaciais.

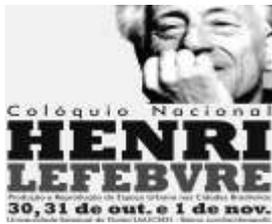
Entretanto, mesmo que esses espaços lhes sejam os mais próximos ou imediatos, e que eles não almejem ou não tenham consciência de sua limitação/fragmentação espacial, os jovens migrantes pesquisados conseguem vivenciar sua juventude, pois para eles o ser jovem é antes de tudo uma condição de autoidentificação. Ademais, não há um único modo de ser jovem, pois os jovens não são os mesmos, não vivem os mesmos tempos, nem os mesmos espaços e nem as mesmas trajetórias socioeconômicas e culturais. Há tantas juventudes quanto há tantos modos de ser jovem.

Diante do exposto, cabe perguntar: como o jovem migrante, em seu processo reterritorialização na metrópole, pode, por meio de suas práticas espaciais cotidianas, romper as barreiras (materiais e imateriais) que lhes são impostas pelos processos de segregação e fragmentação? Como sua espacialidade e suas territorialidades podem ser utilizadas nesse contexto? Que contribuições a Geografia, os espaços e as ações do poder público podem dar à superação dessa vivência parcelar do jovem migrante de baixa renda em relação ao espaço intraurbano de Goiânia? O subitem que segue tece algumas considerações acerca de tais questionamentos.

### 3 AS PRÁTICAS ESPACIAIS COMO COMPONENTES DA (RE)TERRITORIALIZAÇÃO DO MIGRANTE JOVEM: PARA ALÉM DA SEGREGAÇÃO E DA FRAGMENTAÇÃO URBANAS

Na atualidade, a cidade e os sujeitos que a produzem vivenciam, em diferentes níveis e acepções, os processos de fragmentação social e espacial. Ainda que ela possa ser uma opção das classes sociais mais abastadas que se autossegregam, o mesmo não pode ser dito em relação às classes de menor poder aquisitivo, que, na maioria das vezes, vivem essa condição sem dela ter sequer consciência ou condições de alterá-la. Ribeiro (2012, p. 93-94), discorrendo acerca do processo de fragmentação, explicita:

A noção de fragmentação indica tanto transformações na materialidade urbana que interrompem a cooperação e o intercâmbio de bens e ideias, isolando segmentos



## Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

sociais, quanto a perda de referências institucionais na orientação da vida diária e na definição de expectativas coletivas. Ainda com maior frequência, essa noção tem sido utilizada para se destacar o agravamento das desigualdades sociais em suas dimensões material e simbólica. Com esta última conotação, a fragmentação corresponde ao reconhecimento de que as desigualdades sociais, ao ultrapassarem os níveis anteriores de marginalização social, incluiriam a experiência do isolamento e, finalmente, da exclusão social.

Diante da exposição anterior, pode-se afirmar que a consequência desse fenômeno para os indivíduos – no que se refere ao uso e apropriação da cidade – mostra-se prejudicial. Assim, a dominação do espaço urbano por poucos sobrepor-se-á à apropriação dele por todos; ficando neste contexto também prejudicado o direito à cidade.

A fragmentação e a segregação urbanas separam os homens uns dos outros e dos/nos espaços da cidade. Há lugares mais ou menos permeáveis a uma ou outra classe social, pois a convivência e o encontro entre as distintas classes sociais produzem conflitos e estranhamentos. Essa separação entre os espaços e os diferentes sujeitos atesta, conforme aponta Beltrão Sposito (2011, p. 142), o

[...] aprofundamento das desigualdades, negando as possibilidades de diálogo entre as diferenças, o que justifica a adoção da noção de fragmentação sócio-espacial, tanto no que se refere à sua dimensão sociopolítica [...] como em sua dimensão socioeconômica.

Nesse contexto, as diversas territorialidades dos diferentes sujeitos são também testadas, colocadas à prova cotidianamente no contato estabelecido com outros agentes e sujeitos, na confrontação de poderes no que tange ao estabelecimento de territórios pelo espaço urbano. A territorialidade, para Sack (2011, p. 63, 78), é “[...] uma estratégia geográfica poderosa para controlar pessoas e coisas através do controle de área [...]”, sendo responsável por “[...] estabelecer diferentes níveis de acesso a pessoas, coisas e relações”, podendo “[...] ser utilizada tanto nas relações cotidianas ou em organizações complexas”. Comungando dessa concepção acerca da territorialidade, Saquet (2011) identifica, então, quatro níveis correlatos que compõem a territorialidade: 1) as relações sociais; 2) as apropriações do espaço geográfico; 3) as intencionalidades; e 4) as práticas espaço/temporais.

Partindo desse pressuposto, compreende-se que as relações dos homens entre si e destes com/nos espaços urbanos são também estratégias territoriais, ou seja, são territorialidades construídas a partir das práticas espaciais, da mobilidade cotidiana e das



## Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

---

redes de sociabilidades e territorialização que eles exercem sobre o espaço de uma metrópole ou cidade.

Nessa perspectiva, a mobilidade e as práticas sócio-espaciais cotidianas dos sujeitos pela cidade são também afetadas por esses processos, ficando restringidas, ainda que não totalmente, aos espaços que lhes são mais imediatos ou próximos. Assim, os sujeitos acabam por ter apenas, e predominantemente, uma visão e uma apropriação parcelar da cidade, pois a produção do espaço urbano desta se dá de acordo com a lógica da produção capitalista.

Mas, conforme aponta Carlos (2011), é também nesse cotidiano e por meio dele que são possíveis as ações que produzem e reproduzem tanto o espaço urbano quanto a própria sociedade. Acerca do cotidiano, Carlos (2011, p. 85, grifo da autora) salienta que ele “[...] é o lugar da ação e do conflito, da consciência e da elaboração do projeto, bem com o da reivindicação do *direito ao uso*”. Dessa forma, como componentes desse cotidiano no qual a vida é produzida e vivenciada, as práticas sócio-espaciais e a mobilidade são componentes do movimento (contraditório, conflituoso) social e podem ser usadas também como estratégias territoriais para o uso pleno do espaço urbano pelos diferentes sujeitos que a habitam. Essas práticas podem dar-se, por exemplo, nos espaços micros – do cotidiano direto, quando se busca subverter o estabelecido e dominante; em práticas de arte na rua, com base em encontros em horários e lugares “proibidos”; práticas não convencionais e não legitimadas, nos espaços virtuais (nas redes sociais) ou em espaços macros (praças, *shoppings* etc.) – em manifestações com ressonância mais geral (física ou virtual).

Os jovens migrantes encontram-se também segregados e submetidos à fragmentação, tanto em relação aos locais de residência - pela ausência ou escassez neles de infraestruturas no que tange aos aspectos sociais, econômicos, culturais e de lazer etc. (por habitarem em bairros periféricos socialmente) – quanto por frequentarem espaços institucionais (escolas, trabalho e igreja), que são mais restritos ao seu bairro de residência. Dayrell (2007), discorrendo acerca da ausência ou precariedade dos equipamentos públicos de lazer nos bairros dos jovens pobres, ressalta que, nesse contexto, a sociabilidade ganha maior peso ao se deslocar para a escola (e para outros espaços institucionais : igreja, trabalho etc.) as expectativas dos jovens da convivência com outros jovens, ao se constituir como um espaço das práticas culturais juvenis.



## Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

---

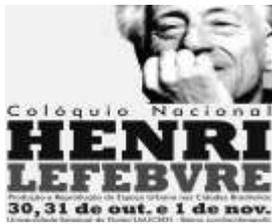
Contudo, percebeu-se, no que se refere à escala de suas práticas espaciais, que os jovens migrantes que conseguem estender suas ações cotidianas de estudo, de trabalho, e, especialmente, de lazer, e também as suas redes de sociabilidade para além dos espaços-tempos de seus bairros residenciais conseguem construir espacialidades mais amplas que os ajudaram a compreender, perceber e se identificar melhor com Goiânia, ao mesmo tempo em que se tornam aspectos essenciais ao seu processo de reterritorialização e à efetivação de sua condição juvenil. Carlos (2011, p. 133), sobre esse contexto, afirma:

A vida cotidiana como espaço-tempo desse processo apresenta-se como prática objetiva, revelando-a como ação junto com as representações que a sustentam e explicam. Isto é, as relações sociais entre os homens se realizam por apropriações sucessivas dos espaços e dos tempos como condição e realização de sua existência, dando-lhes conteúdo e sentido. Nesse processo, ilumina-se a contradição espaço privado/espaço público, sendo o último termo a negação do primeiro, na medida em que o espaço surge como espaços-tempos, forma das apropriações. Nessa perspectiva, as transformações nos sentidos e nos conteúdos do espaço público se explicitam como momentos definidores, capazes de revelar o movimento da sociedade em sua totalidade.

Conforme dito em momento anterior, acredita-se que a ampliação das práticas sócio-espaciais dos jovens migrantes acaba por contribuir para sua própria formação como sujeito produtor do espaço urbano goianiense. Mediante tal ampliação, esses jovens ampliam também sua mobilidade, tornam mais complexas suas territorialidades e redes de sociabilidade; são imbuídos de uma interação com o espaço urbano da metrópole, reformulando, assim, sua própria identidade em relação à Goiânia.

Ganham relevância, nesse contexto, os espaços públicos (a escola, as praças, os parques, os *shoppings* etc.). Por meio do acesso a eles é possível aos jovens (migrantes ou não migrantes) não apenas ampliar suas estratégias de territorialização e práticas espaciais – por serem locais de encontro e confronto –, mas também suas redes de sociabilidade e sua percepção acerca de outros grupos sociais, de outras dinâmicas da cidade, de seus processos e fenômenos. Nesse processo de apropriação e usufruto desses espaços públicos, que pode se dar de forma coletiva ou individual, os jovens usufruem também de seu direito à cidade, por serem tanto sujeitos que agem sobre esse espaço quanto sujeitos que pertencem e dele se apropriam.

Partindo dessa premissa Dayrell (2007) e Cassab (2009) defendem a necessidade



## Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

---

de o poder público, por meio de políticas públicas – voltadas para o planejamento urbano e para os jovens, respectivamente – tornar os espaços públicos e a própria cidade em espaços educadores e formadores de cidadania; em espaços de encontro, de estímulos e de trocas de conhecimento entre os jovens. Nas palavras de Cassab (2009, p. 207):

É na cidade que vivem esses jovens, e é a partir dela que eles criam suas estratégias, projetam seu futuro, vivenciam as desigualdades, experimentam o diverso, convivem com as diferenças, percebem as contradições e vislumbram e realizam suas ações. A cidade é o mundo.

Todavia, tais políticas públicas devem antes de tudo considerar as juventudes em sua complexidade, em sua diversidade (cultural, religiosa etc.) e desigualdades (sociais, econômicas etc.). Para tanto, é preciso entender os jovens como sujeitos sociais que são, ouvir suas demandas e necessidades, incluí-los nas tomadas de decisão que se referem a si mesmo. Por fim, dar-lhes também condições de exercerem sua cidadania por meio da ampliação e do conhecimento de suas espacialidades, para além dos processos de segregação e fragmentação por eles vivenciados. Mas é preciso ressaltar aqui que tais reivindicações e visibilidades das necessidades dos jovens e de políticas públicas voltadas para eles não são dadas, elas são conquistadas, no movimento social, resultantes de situações de conflito, do próprio envolvimento desses jovens nesses movimentos de reivindicação e mudança.

Portanto, a Geografia pode e deve – como uma ciência que analisa as espacialidades dos sujeitos – compreender e apreender as espacialidades dos jovens no espaço urbano e na cidade, as quais são neles inscritas por meio de suas práticas espaciais, territorialidades e redes de sociabilidade. Na verdade, ao contribuir para a explicitação das dinâmicas juvenis em metrópoles como Goiânia, para a constituição de espaços de cidadania e de jovens cidadãos, por meio de pesquisas, de teorias e do ensino de Geografia, por exemplo, a ciência geográfica contribuirá também para a transformação desses jovens e para o entendimento da própria cidade e do espaço urbano nos quais esses jovens atuam, circulam, apropriam-se de seus lugares, inscrevem suas “geografias” e vivenciam sua experiência e condição juvenil, ou seja, são sujeitos sociais jovens.

Nesse sentido, procurou-se com o presente artigo contribuir com o avanço da discussão geográfica em relação às juventudes e suas práticas espaciais cotidianas, bem como enfatizar o papel dos jovens migrantes como sujeitos sociais produtores da cidade e do espaço



## Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

---

urbano goianiense. Também ficou evidenciado que o processo de reterritorialização desses jovens está estreitamente vinculado a tais práticas espaciais e à constituição de redes de sociabilidades, seja nos espaços/tempos institucionais ou intersticiais.

Pode-se afirmar que há uma apropriação parcelar de Goiânia por parte desses jovens, o que restringe sua visão e compreensão acerca do que vem a ser a metrópole em sua totalidade. Essa constatação revela a fragmentação e a segregação que atinge não apenas os bairros residenciais desses jovens migrantes, mas também dos demais jovens das classes populares. Entretanto, esses processos interferem ainda na condição juvenil desses jovens, a qual é restrita a determinados lugares da cidade. Por isso mesmo, destacou-se ainda a importância do planejamento e do poder públicos em propiciarem/produzirem políticas públicas juvenis que possibilitem ao jovem (migrante ou não) ampliar sua vivência, sua mobilidade e acessibilidade para espaços além dos limites de seus bairros, contribuindo assim para uma efetiva apropriação da cidade em sua concretude.

Nesse contexto, há uma especificidade a ser considerada, como já foi ressaltado: a condição de migrantes dos jovens. O processo de migração põe de manifesto, de uma maneira potencial, o processo de desterritorialização/reterritorialização. É fato que os homens e mulheres “em relações cotidianas ou em organizações mais complexas”, para o exercício de suas vidas, territorializam-se (processo dinâmico que inclui os de desterritorialização/reterritorialização), ainda que não migrem, ou pelo menos que não façam migrações mais estendidas e/ou mais definitivas (como é o caso de “migrações” temporárias de um bairro a outro dentro da cidade, ou entre cidades próximas para estudar ou trabalhar etc.). No entanto, ao migrarem “definitivamente” de um espaço (estado, município, do campo para a cidade) para outro, realizam territorializações de modo mais intenso: há um corte brusco em seu processo de territorialização, há uma negação necessária de sua identificação e um corte com o espaço anterior; da mesma forma em que há um estranhamento inicial e profundo próprio de um estrangeiro ao se inserir em um novo espaço, estranhamento de si para com o espaço e do espaço para com ele.

Esse processo de desterritorialização/reterritorialização, pode-se dizer, sobrepõe-se, num primeiro momento, aos de fragmentação/segregação próprios da dinâmica da metrópole e de seus habitantes como um todo, tal como já se assinalou. Ou seja, o jovem se percebe num primeiro momento mais como migrante do que como um “sujeito segregado” na



## Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

---

metrópole.

No caso de Goiás e de Goiânia, o que caracteriza o poder de atração de migrantes para seus espaços é a vinda de pessoas em busca de trabalho, de estudos etc. O que se dá principalmente pela falta dessas e outras condições sociais (econômicas, culturais etc.) em seu lugar de origem; pela carência de desenvolvimento, de oportunidades e de superação social e econômica nesses locais, por exemplo. Contudo, é preciso esclarecer que nem sempre há uma perspectiva de inclusão garantida nessas áreas. Essa migração é um processo migratório, um movimento quase “forçado” pois Goiânia exerce grande polarização em municípios de médio e pequeno porte ao sul dos estados da Bahia, Maranhão, Pará, Tocantins, dentre outros; e que os jovens migrantes veem na capital um local de oportunidades e conquistas.

Assim, ao se tentar compreender, portanto, o processo de territorialização/desterritorialização/reterritorialização dos jovens migrantes, percebem-se implicações do processo de migração em Goiás/Goiânia na vivência pessoal/individual desse sujeito/segmento social em seu processo de inserção na metrópole. Ao vivenciarem a metrópole goiana esses jovens procuram se adaptar na medida em que são confrontados tanto com sentimentos de ordem interna (o estranhamento ou o deslumbramento; a falta de conhecimento em relação à cidade, o medo de sobrar, a ansiedade diante do novo, a solidão ou a euforia, o próprio temperamento, seus valores pessoais etc.); quanto com os de ordem externa (a lógica, os ritmos, o tamanho e os lugares da cidade, o novo bairro, a nova escola, o novo trabalho ou a falta dele, as novas amizades, a aceitação ou resistência de integrar-se a grupos de jovens etc.) em relação a esse novo espaço urbano.

Além do mais, no desenrolar do processo des-territorialização dos jovens migrantes, pode-se dizer que à sua condição de migrante se somam outros determinantes: sua inserção periférica e de desigualdade social na metrópole e o “isolamento” deles resultantes. Ou seja, nesse momento o jovem pode se sentir numa situação de migrante segregado e excluído da vida na metrópole. Desse modo, a complexidade desse processo implica a vivência desse jovem na metrópole: se ele tem medo por um lado sendo jovem e pobre ele terá mais medo ainda sendo jovem migrante vivendo na metrópole, seu processo de reterritorialização nesse espaço estará marcado, portanto, por esses outros processos: de segregação/desigualdade/fragmentação; de estranhamento; de inserção periférica/precária/instável na vida social (trabalho, estudo, lazer etc.).



## Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

---

A resposta a todos esses processos pode ser uma reação de negação da metrópole, uma reação de violência; uma reação de criação de possíveis, de mediações, de territorialidades por meio de suas práticas espaciais de suas redes de sociabilidade, ou seja, de seu posicionamento diante do novo espaço urbano. Na verdade, influenciada por esses distintos aspectos/posicionamentos/sentimentos a reterritorialização desse jovem processar-se-á de diferentes formas, como, por exemplo, as três situações de reterritorialização anteriormente identificadas.

Para alguns jovens ela será efetiva – uma vez que eles conseguem se inserir na lógica (formal e informal) da metrópole ou cidade, se apropriam de lugares, estabelecem relacionamentos e um sentimento de pertencimento a ela. Para outros ela será parcial – resultante do sentimento misto de integração/estranhamento em relação ao novo espaço urbano, suas dinâmicas e lugares. Já para outra parcela ela será restrita ou precária – pois os jovens que se encontram nessa situação têm um sentimento de negação e resistência em relação à cidade, uma apatia que lhes constrange e limita sua mobilidade e seu (re)conhecimento em relação a ela. Isso se dá porque esses jovens migrantes (e outros tipos de migrantes) são sujeitos sociais que são afetados e transformados pelos processos e fenômenos presentes nos espaços/tempos nos quais se inserem, ao mesmo tempo em que esses espaços//tempos são apropriados, ressignificados e modificados segundo a lógica interna desses indivíduos. Há mesmo que uma luta, um confronto (material e imaterial) entre o sujeito e a cidade, pela inserção/exclusão, pelo domínio/apropriação, pela ressignificação/negação – embates que resultam em uma reterritorialização desse indivíduo nesse espaço urbano/metrópole/cidade.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELTRÃO SPÓSITO, M. E. A produção do espaço urbano: escalas, diferenças e desigualdades socioespaciais. In: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L. de; BELTRÃO SPÓSITO, M. E. (Org.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2011.

CARLOS, A. F. A. **A condição espacial**. São Paulo: Contexto, 2011.



## Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

---

CARRANO, P. Jovens, escolas e cidades: desafios à autonomia e à consciência. **Teias**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 26, p. 7-22, set.-dez. 2011. Disponível em: <[www.periodicos.properd.pro.br](http://www.periodicos.properd.pro.br)>. Acesso em: 12 fev. 2013.

CASSAB, C. **(Re)construir utopias: jovem, cidade e política**. 2009. 228 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

DAYRELL, J. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 100, Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 10 fev. 2012.

DAYRELL, J. ; NOGUEIRA, P. H. de Q.; MIRANDA, S. A. Os jovens de 15 a 17 anos: características e especificidades educativas. In: CORTI, A. P. et al. **Caderno de Reflexões: Jovens de 15 a 17 anos no Ensino Fundamental**. Brasília: Via Comunicação, 2011.

GOMES, P. C. da C. **A Condição Urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

GOMES, P. C. da C. Espaços públicos: um modo de ser do espaço, um modo de ser no espaço. In: CASTRO, I.E. de; GOMES, P.C. da C.; CORRÊA, R.L. (Orgs.). **Olhares Geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, R. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidades. In: HEIDRICH, A. L. et al. (Org.). **A emergência da multiterritorialidade: a resignificação da relação do humano com o espaço**. Canoas: Ulbra; Porto Alegre: UFRGS, 2008.

HARVEY, D. **Espaços de Esperança**. São Paulo: Loyola, 2011.

JARDIM, A. P. Reflexões sobre a mobilidade pendular. In: OLIVEIRA, L. A. P.; OLIVEIRA, A. T. R. (Org.). **Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil**.

LEVY, J. Os Novos Espaços da Mobilidade. **GEOgraphia**, América do Norte, 3, set. 2009. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/62/60>>. Acesso em: 30 Mar. 2012.

MENDES, L. Cidade pós-moderna, gentrificação e a produção social do espaço fragmentado. **Cadernos Metrópole**, São Paulo, v. 13, n. 26, p. 473-495, jul.-dez. 2011. Disponível em: <<http://www.cadernosmetropole.net>>. Acesso em: 10 nov. 2012.

PAIS, J. M. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 2003.



## Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

---

RIBEIRO, A. C. T. **Metrópole: sentidos da fragmentação.** In: SILVA, C. A. da; OLIVEIRA, A. L. de; RIBEIRO, A. C. T. (Org.). **Metrópoles: entre o global e as experiências cotidianas.** Rio de Janeiro Ed. Uerj, 2012.

SACK, R.D. O significado da territorialidade. In: DIAS, L. C.; FERRARI, M. (Org.). **Territorialidades humanas e redes sociais.** Florianópolis: Insular, 2011.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: espaço e tempo: razão e emoção.** São Paulo: Hucitec, 1999.

SAQUET, M. A. **Por uma geografia das territorialidades e das temporalidades: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial.** São Paulo: Outras Expressões, 2011.

SERPA, A. **O espaço público na cidade contemporânea.** São Paulo: Contexto, 2011.

TURRA NETO, N. **Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava: territórios e redes de sociabilidade.** 2008. 516 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Unesp, Presidente Prudente, 2008.